A Viagem de Francisco de Holanda (c.1538-1540)

The Voyage of Francisco de Holanda (c.1538-1540)

Maria Luiza Zanatta de Souza [*]
Universidade Federal de São Paulo

Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar alguns aspectos da viagem de Francisco de Holanda, realizada provavelmente entre c. 1538 – 1540, considerada um marco na carreira do artista e um ponto sobre o qual todos os estudiosos obrigatoriamente se debruçam para compreender sua formação intelectual, trajetória e produção teórico-artística.

Palavras-chave: Francisco de Holanda; Lisboa; Viagem à Itália; manuscritos e século XVI.

Abstract

This article aims to analyze some aspects of the voyage of Francisco de Holanda, probably carried out between c. 1538 - 1540, considered a landmark in the career of the artist and a point on which all scholars are obliged to study their intellectual formation, trajectory and theoretical and artistic production.

Keywords: Francisco de Holanda; Lisbon; Trip to Italy; manuscripts and 16th century.

● **Enviado em: 24/08/2018**
● **Aprovado em: 20/09/2018**

[*] Arquiteta, mestre (2006) e doutora (2011) em História e Teoria da Arquitetura e do Urbanismo pela FAU-USP com tese sobre o manuscrito Da Fabrica que Falece a Cidade de Lisboa (1571) de Francisco de Holanda. E desde 2014 desenvolve estágio de Pós-doutorado, com bolsa CAPES, junto ao programa de Pós-graduação em História da Arte pela Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da UNIFESP cuja pesquisa aborda os "Livros de Arte e Arquitetura do acervo de obras raras do Centro de documentação do MASP".

"[... 'um hörnern vindo de terra strangeira inda näo ha muitos dias]". P.A. [1]

Francisco de Holanda, (c.1517-1585) iluminador português, tornou-se conhecido dos estudiosos pelas referências feitas ao nome de Michelangelo Buonarroti em seu famoso *Diálogos em Roma* (D.R). Isso contribuiu para que fosse lembrado entre os biógrafos do artista florentino e para que o texto fosse traduzido ao alemão (1899). Não fosse a elaboração destes relatos das possíveis conversas[2], das quais ele próprio participava juntamente ao florentino, o pintor e teórico português seria praticamente um desconhecido, ficando seu nome restrito aos historiadores da literatura e da história das cortes renascentistas portuguesas.[3] Até hoje o único testemunho existente que poderia vir a comprovar esta aproximação entre o pintor português e o artista florentino é uma carta enviada de Lisboa por Holanda, datada de 15 de agosto de 1553 e conservada no Museu da Casa Buonarroti em Florença [**Fig 01**]. Neste documento Holanda manifesta sua admiração pelas obras de Michelangelo e pede ao florentino a "*gracia di mandarne alcun disegno, in memoria dell' opere sue, anchora che qui non sai che qualche linea o profilo" como "ferma recordacione di nostra amicitia*".[4]

Neste estudo não será discutida a veracidade dos relatos redigidos por Holanda em 1549, mas como o artista se tornou conhecido entre os historiadores da arte, da arquitetura, da cultura, da literatura e das ciências. Trata-se de uma reflexão da grande oportunidade oferecida ao jovem português. Filho de um iluminador régio Francisco de Holanda[5], tendo frequentado a corte dos Aviz, onde ocorre sua primeira etapa de aprendizado e formação junto da *bottega* de seu pai Antônio de Holanda; depois de revelar seus dotes artísticos, estando a serviço de D. Fernando e de D. Afonso em 1533 - um culto amante das artes e das

---

1 HOLANDA, Francisco, "*Da Pintura Antiga (P.A) - Introdução e notas de Angel Gonzalez Garcia*" - Lisboa : Imprensa Nacional, 1983.

2 PELLIZZARI, A. "*I TRATTATI ATTORNO LE , ARTI FIGURATIVE IN ITALIA e nella Penisola Iberica DALL'ANTICHITÀ CLASSICA AL RINASCIMENTO E AL SECOLO XVIII* "; Napoli, 1915; p 21 : [*Francisco De Hollanda: un pittore portoghese che dimorò lungamente in Italia e vi ebbe degnamente la stima e l'amicizia di Michelangelo Buonarroti, e che, tornato in patria, vi divulgò le teorie artistiche fiorite nel più bel Rinascimento italiano, e organizzò in sintesi lucidissima le idee del suo grande amico fiorentino, tramandandole ai secoli da venire in opere mirabili per magistero d'arte e per saldezza di pensier*o].

3 MODRONI, G;*'Le fonti letterarie dei trattati d'arte di Francisco de Holanda*' in "*Ricerche di Storia dell' Arte*", no. 64, 1998.

4 BAROCCHI, P., *Il Carteggio di Michelangelo*, Florença: Sansoni, 1965-1983, 5 vol., 1983, vol. V, p.9.

5 BILOU, Francisco [*António de Holanda, neerlandês como o próprio nome denuncia, foi o mais estimado iluminador em Portugal durante a primeira metade do século XVI. Sublinha-o na qualidade artística a obra que deixou, engrandece-o no estatuto social o cargo de Passavante (1521), Rei de Armas (1534) e Escrivão da Nobreza (1536). E se o estatuto artístico o fez próximo da família real e da mais alta nobreza, os cargos honoríficos trouxeram-lhe um vínculo cortesão que o obrigou a um permanente acompanhamento da itinerância régia]. Disponível in:* https://www.academia.edu/28729152/Ant%C3%B3nio_de_Holanda_em_%C3%89vora?auto=download *acesso 10/08/2018.*

letras, protetor e patrono de muitos ilustres estudiosos da distante Itália - será concedida a Francisco de Holanda, em c.1537, a oportunidade de viajar pela Espanha, França e Itália, com o possível pretexto de levantar e documentar os monumentos e as fortalezas que lá encontrasse.

Embora não se saiba a data exata de sua partida ou de seu retorno, nem tão pouco se conheça o nome de todos os lugares por onde esteve ou quais foram os motivos de suas escolhas, esta viagem será mencionada e retratada por Holanda em alguns de seus manuscritos teóricos[6] se tornando um elemento fundamental para compreensão de suas ideias e obras. Neste sentido, podem ser elencados alguns testemunhos de sua viagem e peregrinação[7]: o desenho elaborado por Michelangelo; o manuscrito *Diálogos em Roma* (DR), o *Álbum dos desenhos das Antigualhas* que atualmente se encontra na Biblioteca de São Lourenço do Mosteiro Escorial em Madrid [8], além de muitas outras referências a esta estadia que podem ser observadas, praticamente em todas as suas obras.

> E em 5 de janeiro de 1538, <<com a idade de vinte anos>> apenas, por instigação do rei D. João III e do Cardeal-Infante D. Afonso, Francisco de Holanda partiu de Lisboa, integrando a comitiva do embaixador à Santa Sé, D. Pedro Mascarenhas vindo regressar à Portugal somente nos finais de junho de 1540 ou início de 1541.[9]

Francisco de Holanda inicia sua travessia num momento em que a Europa **[Fig.02]** enfrentava a fúria e as contestações luteranas, verificando-se a cisão anglicana (1530) e a

---

6 REIS, Antônio Matos; "Francisco de Holanda - Introdução ao Estudo da sua Obra", em *Revista de Guimarães* 94 (1984). "[*O desejo de Francisco de Holanda de ir a Itália encontrou eco favorável no ânimo dos seus protetores, a que diversas vezes se mostrará reconhecido, nos seus escritos. No prefácio do Da Pintura Antigua dirige-se agradecido, a D. João III: «a vós muito glorioso e Augusto Rei e Senhor, dou eu outras tantas graças pela ajuda que até agora me tem dado (mandando-me ir ver Itália) em bens que, ainda que se a nau alagasse, e a cidade saqueada estivesse ardendo, eu posso sem impedimento de carga levemente comigo trazer a nado». Aos infantes, irmãos do rei, designadamente D. Afonso e D. Luís (D. Fernando era já falecido), alude, igualmente grato, no início do primeiro Diálogo em Roma. Que idade teria nessa altura? A resposta dá-a no tratado De Quanto Serve a Sciência do Desenho: «Sendo eu de idade XX anos me mandou El Rei vosso avô a ver Itália e trazer-lhe muitos desenhos de cousas notáveis della»*]. Disponível em http://tempos-e-lugares.blogspot.com/2011/08/francisco-de-holanda-introducao-ao.html; acesso 10/08/2018.

7 Na recente exposição preparada pelo Museu do Dinheiro em comemoração aos "500 anos de Francisco de Holanda", em Lisboa , em 2017, destacou-se a importância das viagens na trajetória e produção do artista : "*Discípulo de André de Resende e contemporâneo de Damião de Góis, Francisco d'Holanda tinha como principais interesses o desenho e as viagens, estando a sua obra muito marcada por ambas as paixões*"; ver https://www.timeout.pt/lisboa/pt/blog/desejo-designio-e-desenho-no-museu-do-dinheiro-040617; acesso 10/08/2018.

8 Este *Álbum das Antigualhas* pertencente à Biblioteca do Mosteiro de São Lourenço do Escorial, em Madrid, é composto por 54 fólios ou folhas numeradas, totalizando, no entanto, 118 páginas desenhadas. Sobre esta coleção ver a tese de Doutorado em História pela UFJF de Rogéria Olímpio dos Santos defendida em 2015.

9 SOUZA, Maria Luiza Zanatta; em Trabalho Programado pertencente ao "Memorial da Qualificação para obtenção de título de Mestre em História e Teoria da Arquitetura pela FAU USP em 2005".

precipitação do calvinismo: em Portugal, por concessão do papa Paulo III, instaurava-se a Inquisição (1536). Passava-se por um momento bastante delicado das relações diplomáticas em que as autoridades eclesiásticas mantiveram estreitas relações com a coroa portuguesa. Desta maneira, por intermédio de nomes importantes como de D. Miguel da Silva (embaixador português em Roma durante o pontificado de Leão X e de Clemente VII)[10] e posteriormente de Pedro de Mascarenhas (embaixador de Portugal junto a Santa Sé, nesta ocasião), Holanda pôde ter acesso aos mais importantes personagens do ambiente artístico romano, dentre os quais destacamos o nome de Lattanzio Tolomei; por seu intermédio, o jovem português pôde frequentar os círculos de Michelangelo e de Vitoria Colonna (1490-1547).[11]

Nesta trajetória como bolseiro régio pela Europa, Francisco de Holanda passou pela Espanha e pela França, fazendo paradas breves em Valladolid, Nîmes (sul da França), Avignon e Nice. Percorrendo as antigas "*calçadas ou caminhos públicos*" deixados pelos imperadores romanos – por ele destacado em *Da Fabrica que falece a cidade de Lisboa* de 1571, [fl.19r] - visitou as principais cidades da Toscana **[Fig.03]** (Florença, Siena, Pisa), chegando a Roma em julho de 1538[12]. Graças a influência do reinado de D. Manuel I e a familiaridade com o Imperador Carlos V[13], muitas portas foram-lhe abertas.

Durante sua estadia em Roma Francisco de Holanda teve acesso ao iluminador Giulio Clóvio e a artistas como Giacomo Meleghino, Valério Belli di Vicenza, Sebastiano del Piombo e Baccio Bandinelli; pôde ainda frequentar a casa do Cardeal della Vale[14], além de manter estreitas relações com a família Farnese, por intermédio de Margarete de Áustria, filha de

---

10 Cfr. artigo SOUZA, Maria Luiza Zanatta nesta mesma revista, "*D. Miguel da Silva, bispo de Viseu e o seu destacado papel na eclosão de um novo repertório artístico e cultural renascentista em Portugal em meados do século XVI*", No. 8, 2015. Nele analiso principalmente a atuação de D. Miguel da Silva em Viseu entre 1525-1540.

11 DESWARTE-ROSA, Sylvie; '*Vittoria Colonna und Michelangelo in San Silvestro al Quirinale*' in Vittoria Colonna Dichterin und Muse Michelangelos; dir Sylvia Ferino Pagden, Catalogue d'exposition Kunsthstorisches Museum Vienne, Skira, 1997, pp. 349-380.

12 Ver neste dossiê artigo da Profa. Dra. Andrea B. LOEWEN " *Pro maiori urbis decoro: sobre a Roma farnesina e Francisco de Holanda*" .

13 SOUZA, Maria Luiza Zanatta; em Trabalho Programado pertencente ao "Memorial da Qualificação para obtenção de título de Mestre em História e Teoria da Arquitetura pela FAU USP em 2005; p.22: [*Se em Roma se apresentou, junto aos artistas e em particular a Giulio Clóvio e Michelangelo, como o filho do grande iluminador Antônio de Holanda, desejoso de completar a sua educação artística e os seus conhecimentos sobre a Antiguidade, na corte pontifícia, deve igualmente ter feito valer o fato de pertencer à embaixada portuguesa e à Casa do Cardeal-Infante D. Afonso, que, desde 1532, aspirava ser chamado em Roma para ocupar um lugar na Cúria romana, tentativa em vão, devido à oposição categórica de seu irmão o rei D. João III*].

14 WARNKE, Martin; "*O artista da Corte: Os antecedentes dos Artistas Modernos*" ; São Paulo, EDUSP; 2001; p.321: "Vasari , IV, p.534 :[...] *Francisco de Hollanda recebe o conselho de Michelangelo: "É melhor o senhor se estabelecer na França ou na Itália, onde um talento é reconhecido e a pintura valorizada. Pois aqui o senhor encontrará príncipes e indivíduos particulares que protegem a arte, embora não a amem muito, como, por exemplo, Andrea Doria que, mesmo assim, fez próprio Perino, e também o cardeal Farnese que não sabe absolutamente o que seja a pintura, mas que fez magnificas recomendações para Perino para que lhe fossem concedidos 20 cruzados por mês, bem como a manutenção[...]".*

Carlos V. Guiado por personagens ilustres, o jovem pôde visitar a Cidade Eterna e fazer o levantamento de uma série de monumentos, transcrevendo as inscrições, copiando-lhes as pinturas e os mosaicos **[Fig.04]**.

Holanda havia iniciado seus estudos antiquários e epigráficos ainda em Portugal, sob a orientação de André de Resende[15]. Antes da sua partida, recebeu de Luís Teixeira (chanceler – mor do reino) um exemplar do "*Epigrammata Antiquae Urbis*" de Jacopo Mazzocchius (1521) **[Fig.05]**[16] que lhe serviu como guia[17] durante a visita a Roma. Verifica-se grande aproximação entre imagens do *Álbum das Antigualhas* de Francisco de Holanda e "*L' Antichitá di Roma di Andrea Fulvio Antiquário Romano*[18] , 1527 (?) **[Fig.06] e [Fig. 07 a e b]**.

Ele pôde acompanhar algumas das reformas que aconteciam naquele momento em Roma e, estando amparado por textos provenientes da cultura humanista mais atualizada; foi possivel ao estudioso compreender que o antigo[19] era uma língua a ser redescoberta para ser novamente empregada, quer nas letras ou nas artes. A Pintura Antiga é vista por Holanda como uma espécie de véu depositado sobre cada aspecto do mundo romano: para o português reconhecer este véu, apropriar-se dele e estendê-lo sobre cada coisa deste mundo significa recuperar a grandeza perdida, porque escreve ele em *Da Pintura Antiga*: "*sempre que houver edifícios e estatuas e colunas semelhantes àquelas da grande Roma, àquele lugar chamarei Roma*". [20]

Por outro lado é importante observar que a partir da propagação de guias e de álbuns com registros dos vestígios romanos – como o "*Epigrammata Antiquae Urbis*" anotado por Holanda, provavelmente em seu percurso - Roma havia se tornado o centro da

---

15 DESWARTE, Sylvie "*Ideias e imagens em Portugal na época dos descobrimentos*"; Lisboa : Difel; 1992, p.9: "*Revela-se aqui [Álbum das Antigualhas] herdeiro do método que lhe ensinou em Portugal André de Resende e que vai encontrar em Roma na convivência com antiquários com quem se dá, visitando assiduamente os locais antigos e as coleções de antiguidades*".

16 DESWARTE-ROSA, S. *Contribution* à *la connaissance* de *Francisco* de *Holanda*. Arquivos do Centro Cultural Português. No.. 7. Paris, 1973, pp. 421-429: *Epigrammata Antiquae Urbis*. Roma: Jacobus Mazochius, 1521. Exemplar anotado por Francisco de Holanda - Lisboa, BN, Res 1000 A1.

17 DESWARTE, Sylvie in Francisco de Holanda: Maneira e Idea; *Catálogo sobre A Pintura Maneirista em Portugal: Arte no Tempo de Camões*, Lisboa, Printer Portuguesa, 1995, pp.59-90.

18 Prima edizione italiana della prima vera descrizione topografica di Roma, redatta dall'erudito umanista ed antiquario Andrea Fulvio, (1470 – 1527), nella quale fornisce una chiara desrizione di quanto era rimasto delle antiche vestigia romane nel primo cinquecento; l'autore dedica inoltre delle pagine all'introduzione della stampa a Roma e delle prime collezioni private di antichità, tra cui quella di Colocci e quella di numismatica, del cardinale Andrea Della Valle.

19 PELLIZZARI, Op. Cit. 1915; p.24: "*Dagli antichi prenderò le mosse; agli antichi tornerò sempre, ogni volta che le opere nuove dei secoli men lontani da noi appariranno materiate della loro scienza e obbedienti agli spiriti loro*"; tradução nossa : [Dos antigos eu tomarei os movimentos; aos antigos eu voltarei sempre, toda vez que as novas obras dos séculos que ainda estão longe de nós parecerem materiais de sua ciência e obedientes a seus espíritos].

20 HOLANDA, Francisco; *Da Pintura Antiga*; cap. X, pag. 40.

Antiguidade, o ponto de encontro de artistas e colecionadores. Nicole Dacos[21], em seus estudos sobre os pintores flamengos que se dirigiram à Itália ,e em especial à Roma para conhecer e retratar um pouco das experiências artísticas lá promovidas e difundidas através da Corte Papal a toda Europa, recorda que esta atividade remonta a uma tradição das lamentações humanistas pelas ruínas de Roma que vão de Petrarca a Du Bellay, passando por Poggio Bracciolini e por Flavio Biondo, que mais tarde serão traduzidas em diferentes imagens[22]. Por sua vez, Sylvie Deswartes acredita que Holanda seguia mais a tradição dos antiquários, do que propriamente a postura de um artista que estivesse procurando constituir para si uma reserva de formas e de motivos, como foi o caso de Lambert Lombard (1506-1566) ou de Maerten van Heemskerck (1498-1574) [23]. Todavia, dessa comparação entre ambos (Holanda e Heemskerck), pontos em comum podem ser observados seja nos temas ou na forma de retratá-los **[Fig.08 a e b] e [Fig.09]**.

Roma, cidade cheia de escombros, de grandes vazios, recortada por enormes jardins, pouco a pouco foi se estabelecendo como um local para a pesquisa histórico - artística, onde os trabalhos arqueológicos iniciados pelo arquiteto Fra Giocondo (1433-1515) permitiram uma série de desdobramentos[24]. Durante as escavações, Giocondo zelou pela utilização de ricos fragmentos em construções romanas novas e, através da seleção e pesquisa, criou uma famosa coletânea epigráfica, *Della Silloge giacondina[25]*, formada por mais de duas mil

---

21 DACOS, Nicole [1995] 2001, *ROMA QUANTA FUIT Tre pittori fiamminghi nella Domus Áurea*, Roma, Donzelli, 1995. Em especial a autora destaca a existência de várias gerações de pintores que vão a Roma para aprender e para trabalhar nos diferentes ateliês; eles vêm da Holanda, da Espanha, da França, de Portugal e de diferentes partes da própria Itália. Ela analisa um pequeno grupo e destaca a figura de um pintor e arquiteto holandês, Jan Van Scorel que veio a Roma, sob o pontificado de Adriano VI e ali pôde encontrar muitas facilidades, trabalhou junto ao círculo de Rafael e, no seu retorno aos Países Baixos, foi considerado um dos responsáveis por introduzir o estilo renascentista no território holandês, incentivando a prática da viagem à Itália para seus alunos.

22 NESSELRATH Arnold, "*Raphael's Archaeological Method*," in Frommel & Winner eds., 1986, 357–71.: *"[... l' affermarsi, in Italia, dell aprezzamento per il disegno: che, a partir de 1520-1530, non è piú, soltanto un mezzo preparatório, ma viene riconosciuto da collezionisti e appassionati come opera d' arte autônoma]*"; N. T. [...] a afirmação, na Itália, da valorização do desesnho: que, a partir de 1520-1530, não é mais apenas um meio preparatório, mas é reconhecido por colecionadores e entusiastas como uma obra de arte autônoma] "

23 DESWARTE, Sylvie "*Ideias e imagens em Portugal na época dos descobrimentos*" Lisboa : Difel; 1992, p.9.

24 Essa prática da pesquisa, em solo romano, foi largamente difundida, tendo já sido iniciada no século anterior com Brunelleschi e Donatello, que buscaram a compreensão do funcionamento dos sistemas de abastecimento e drenagem da cidade, do embasamento das construções e das esculturas. Depois deles, através de Alberti, verificamos os esforços na compreensão do funcionamento da cidade como um todo, visando a implantação do projeto de renovação urbana promovido por Niccolò V[24]; ele dedica-se, sobretudo, ao registro sistemático do território romano, sugerindo uma metodologia de trabalho que permitiria a uniformização dos levantamentos e dos desenhos através de um disco graduado. Alberti acreditava que se deveria conhecer os edifícios antigos e sua colocação na cidade para que se compreendesse o modo como a cidade antiga se organizava e assim lançar luz sobre as questões da cidade no presente.

25 Ver detalhes em http://www.dcuci.univr.it/documenti/Documento/allegati/allegati486357.pdf; acesso 15/09/2018.

epígrafes, catalogadas em sua estadia romana finalizada por volta de 1515. Giocondo permaneceu ali por muitos anos, empenhado na compreensão da Antiguidade e tendo sempre a preocupação no sentido da conservação[26]. Ele será sucedido por Rafael Sanzio (1483-1520) que no mesmo ano é nomeado Prefeito das antiguidades romanas por Leão X e encarregado de fazer o levantamento e aproveitamento dos fragmentos dispersos pela cidade nas obras da reforma da Basílica de São Pedro.

Curiosamente esta informação da nomeação de Rafael (epistola) será recolhida inexplicavelmente por Holanda em um apêndice[27] do seu tratado *Do tirar Polo Natural* (Santarém, 03/01/1549), o primeiro tratado sobre a teoria do retrato de que se tem notícias.[28]

Ainda sobre os desenhos coletados no *Álbum das Antigualhas* observa-se o fascínio do artista português pela Urbe em seus mais variados aspectos. Ele se comove diante dos testemunhos da Roma Cristã; é seduzido pelas lendas mais populares e retrata a Roma Imperial em seus fragmentos e vestígios de suas construções mais imponentes: as Termas de Diocleciano, o Coliseu, o Panteão, o Arco de Constantino; ele ainda se preocupa em fazer o registro de epigrafes, de trajes e de calçados, bem como de algumas das esculturas mais célebres. Todavia, este "jovem arqueólogo" não se limita a descrever o que via *in loco* mas se autorretrata em boa parte dos registros, o que nos faz refletir sobre quais seriam as suas reais intenções. Seria uma forma de comprovar a veracidade do que vinha ali representado? Queria Holanda mostrar ao rei por onde andou ou com quem se relacionou ? Ou simplesmente recolheu aquilo que pôde "*roubar e trazer a Portugal...os primores e gentilezas de Itália*"? **[Fig.10].** [29]

---

26 A obra de Mazzocchius (1521), assim como "*L' Antichitá di Roma*" de Andrea Fúlvio[26] fazem parte de um conjunto de guias da cidade de Roma produzidos no século XVI com várias finalidades: auxiliar os peregrinos nas visitas às igrejas; orientar os cobradores de impostos na circulação pelas vias; como forma de propaganda da história temporal e religiosa da *Roma Caput Mundi* com belíssimas imagens dos antigos monumentos que começam a ser produzidas por Rafael Sanzio e seus discípulos ainda na segunda década dos seiscentos.

27 Se por um lado vemos um artista - viajante entusiasmado pelos estudos arqueológicos da cidade imperial (guias de Roma), por outro, a apresentação dessa Carta, um Breve expedido pelo Papa Leão X, em 1515, dando conta da nomeação de Rafael Sanzio como "Prefeito de Roma" nos remete diretamente aos círculos artísticos-literários frequentados por Baldassare Castiglione e por D. Miguel da Silva, patrocinador do célebre *Il Cortegiano* (1528). Além disso, nos permite rapidamente traçar um paralelo quanto ao formato escolhido pelo artista-teórico português e aquele elaborado por Castiglione em duas de suas obras : *Os Diálogos em Roma* (D.R.) e o tratado sobre a teoria do retrato – *Do Tirar Polo Natural* (TN).

28 Sobre esta obra em especial ver a dissertação de mestrado em História pelo IFLCH – UNICAMP de Raphael Fonseca, defendida em 2010: https://issuu.com/raphaelfonseca9/docs/disserta___o_final_-_raphael_do_sa; acesso 15/08/2018.

29 MODRONI, Grazia, *I Trattati d'Arte – Francisco d' Olanda*, Livorno : Sillabe 2003, p. 5.

Novamente, em sua em *Da Pintura Antigua* - finalizado em Lisboa em 1548 - recorda orgulhosamente :

> ...neste lugar seja-me a mim lícito dizer como fui o primeiro que n'este Reino louvei e apregoei ser perfeita a antiguidade, e não haver outro primor nas obras, e isto em tempo que todos quasi querião zombar disso, sendo eu moço e servindo ao Infante Dom Fernando e ao sereníssimo Cardeal Dom Afonso, meu Senhor. E o conhecer isto me fez desejar de ir ver Roma.

Com alguma certeza, não era a Roma das epigrafes que interessava ao rei D. João III, pois Francisco de Holanda admite em mais de uma passagem de seus manuscritos ilustrados que havia sido enviado à Itália principalmente para desenhar a nova arquitetura militar. E neste sentido, uma das importantes empreitadas do monarca foi a construção da fortaleza de Mazagão em c.1541[30], o primeiro exemplo de arquitetura militar europeia construída fora da Europa, um espécie de presidio erguido às costas do Marrocos (El Jadida), uma escala obrigatória na rota das viagens ao Brasil e às Indias. Nesta tarefa foram envolvidos os maiores nomes da arquitetura portuguesa: Miguel de Arruda; Benedetto da Ravena (arquiteto de Carlos V), João de Castilho (mestre de obras reais) que solicitou ao rei, em 1542, que acelerasse os financiamentos deste edificio – *o melhor que se fazia no mundo tanto que nem em Itália se encontraria um assim*.

Ainda sobre a questão das fortificações é importante recordar que em uma carta enviada pelo rei D. João III ao Papa Paulo III, em 29/12/1537, apresentando o nome de Pedro de Mascarenhas como o novo embaixador de Portugal, o soberano menciona "*a importância, não só para toda a Espanha, mas para todo o Cristianismo, da guerra contínua que havia sido forçado a lutar com o rei de Fez e com o rei do Marrocos, dois inimigos muito grandes e poderosos*"[31]. Desta forma, sua busca pela proteção dos territorios conquistados e o conhecimento de técnicas construtivas mais modernas era quase uma obsessão. Em 1546, João de Castro, vice-rei das Indias, em seus *Ricordi,* lembra que "*esta arte da guerra é uma arte que não pára jamais porque a todo momento se descobre novas coisas e novos segredos para arte de atacar e de se defender*".[32]

---

30 http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-mundial/origem-portuguesa/cidade-portuguesa-de-mazagao-el-jadida/

31 Correspondência original de D. Pedro Mascarenhas, ff. 2-10; citada em "*Corpo Diplomático Português*", Vol. 15: Contendo *Os Actos e Relações Políticas e Diplomáticas de Portugal, Com As Diversas Potências do Mundo Desde o ... Com A Curia Romana*, (1. Parte) (1677-1678), 2018.

32 MOREIRA, R.; "*Arquitectura militar do Renascimento*", in *História das Fortificações Portuguesas no Mundo*, Dir. Rafael Moreira, Lisboa, Pub. Alfa S.A., 1989, p.151.

Holanda diz ter sido envolvido nas construções em Marrocos, entretanto não foram localizados desenhos que pudessem comprovar sua afirmação[33]. Por outro lado, ao analisarmos cuidadosamente os exemplares de fortificações recolhidos no *Álbum de Antigulhas* e no manuscrito *Da fabrica que falece* (1571), verificamos que suas imagens compreendem um tipo de representação um tanto quanto diferente daquela feita por um pintor ou arquiteto, estando muito próxima à de um iluminador. E ainda distante de uma obra teórica como "*I Quatri Primi Libri D'Architettura - Pietro Cataneo senese"*, **[Fig.11]** [publicada en Venecia, en una nueva edición en 1554] - que enfrenta o tema das fortificações com grande propriedade - ou de um desenho eminentemente prático como o *Folio 13 A* de Michelangelo - a *Study for the fortification of Porta al Prato di Ognissanti*" **[Fig.12]**. As proporções em Holanda foram aparentemente negligenciadas, assim como as reais dimensões da construção são esquecidas.

O artista e teórico se preocupa mais em transmitir uma ideia **[Fig.13]**, limitando-se a representá-la como uma simples "lembrança"; muito embora afirme em *Da fabrica*, 1571, *fl 3v*. que: "*esta arte ou ciência me coube, por ter visto com meus olhos, e medido e desenhado com minhas mãos, as melhores forças e fábricas, que há na Europa, nem em todo o Mundo*".

Ao que tudo indica, faltava ao jovem uma maior familiaridade com o desenho técnico e por esse motivo retratou pouquissimas plantas de edificios em sua viagem. Como filho do iluminador Antonio de Holanda, acostumado a decorar os livros da corte real portuguesa, Francisco estava sempre atento aos menores detalhes, como se observa nos retratos de Michelangelo, do Papa Paulo III e do doge Pietro Lando do *Álbum das Antigualhas*.

Desta maneira e com a mão atenta aos pequenos detalhes, Francisco percorre as cidades italianas[34] representando suas pinturas, esculturas e arquiteturas contemporâneas somente nos lugares em que não era possivel recuperar a arquitetura do passado. As arquiteturas modernas retratadas são necessariamente as militares (fl 35v;36v;42r,42v,45r).

---

33 BURY, John B. ; "*Two Notes on Francisco de Holanda",* London : The Warburg Institute; 1981; p.41: "[*The fortress at Mazagão, on the Atlantic coast of Marocco. Francisco claimed that he was responible for this classic example of a mid-sixteenth-century citadel-fortress, telling us that hem ade a design and model for it, but no evidence survives to clarify to what extent, precisely, Francisco's plans were followed. The extant structure was built 1541-42 by royal máster of the Works João de Castilho following the instructions of Benedetto de Ravenna, military engineer to the Emperor Charles V, whose services were lent by the later to his brother-in-law D. João III for purpose. It is certain, firstly, that Francisco did not go out to Mazagão, secondly that Benedetto – together with Manuel de Arruda, who became Master of Fortifications of the Realm in 1548, and Diogo de Torralva, in concert with the local military commanders – chose the site, and thirdly that the defences were built of stone contrary to Francisco's evidence that should be built of brick*]" .

34 BURY, John B. ; op. cit.; 1981; p.18.: "*It remains to considerer what internal evidence the Roman Dialogue themselves may afford, and taking first such indications as there may be of Francisco"s untrustworthiness, the most striking example is the long discouse at the begining of second dialogue in which Michelangelo answers the question: What celebrated paintings are there in Italy? In his reply he mentions twenty-one towns contains notable works in art…*".

A partir das imagens entende-se que o jovem colecionador não se preocupou em estudar as fortificações, mas limitou-se a observá-las sem que houvesse uma tentativa de explicar tecnicamente como eram construídas. Como destacou Tommaso Tagliabue, ele não as observa como verdadeiras máquinas bélicas, mas como formas atualizadas que poderão transformar em mais majestosa a imaginária Lisboa (em *Da Fabrica, 1571*).

É preciso recordar que Portugal era um reino pequeno, que em pouco tempo passou a ter o dominio de um enorme império comercial. Sendo assim, um problema urgente aos portugueses era a representação do poder através de uma linguagem formal adequada[35]. Tratava-se de uma tarefa ligada à manutenção do poder pelo D. João III. E anos mais tarde o próprio Holanda dirigindo-se a D. Sebastião observa:

> Mas por não ser ingrato a gloriosa memória de El-rei vosso avô, que Deus tem, que me mandou sendo eu moço a Itália ver e desenhar as fortalezas e obras mais insignes e ilustres dela (como fiz), **trazendo-lhas todas em desenho, com muito trabalho, cuidado e perigo meu**, para o servir quando cumprisse; Da Fabrica (1571) [fl 3r].

Desta forma é possível compreender que as fortalezas retratadas no *Álbum das Antigualhas* e seu posterior oferecimento de uma "*LEMBRANÇA AO MUI SERENISSIMO E CRISTIANISSIMO REI DOM SEBASTIÃO - Sobre a fortificação e reparo de Lisboa*" [fl3r] elaborada pelo arquiteto-urbanista que sonhava ver sua terra natal transformada em uma nova Roma. Para Holanda Lisboa não parecia ser aquilo que ela realmente era, a capital de um novo império:

> Ora, se Lisboa tem a presunção da maior e mais nobre cidade do mundo, como não tem o mais excelente templo, ou Sé, do Mundo? **Como não tem o melhor castelo e fortaleza e muros do mundo**? Como não tem os melhores Paços do mundo? E, finalmente, como não tem água de beber a gente do mundo?; Da Fabrica, 1571; [fl17v].

No início do século XVI, durante o reinado de D. Manuel I, o monarca havia demonstrado ser o detentor de um grandioso império ao oferecer ao Papa Leão X, um elefante branco Hanno (1514), cuja entrada triunfal ficou imortalizada por um desenho de Rafael. Ele será copiado pelo jovem português **[Fig.14]**. Este exótico animal, que não era visto em Roma desde a Antiguidade, será um dos temas de grande interesse de Francisco de Holanda, sendo retratado no *Álbum das Antigualhas* (fl 31v e fl.32v) posteriormente observado em algumas propostas no manuscrito *Da Fabrica que falece, 1571 (fl. 18r e fl.18v)* **[Fig.15]**. Entre seus feitos D. Manuel procurou exibir o símbolo de suas conquistas, apresentando uma grande

35 MOREIRA, Rafael; *Novos Dados sobre Francisco de Holanda, in "Sintria",* I-II, 1982-83, pp.619-692.

quantidade de formas e elementos trazidos dos lugares mais distantes que serão representados nas construções[36]. Holanda acreditava que Lisboa deveria externar o esplendor daquele momento histórico vivido pela cidade capital revestindo-se de formas extraídas da Antiguidade.

Este mundo evocado por Holanda é o mesmo retratado na *Crônica de D. Manuel*, por Damião de Góis [1566], um dos principais humanistas da corte de D. João III, que destaca que somente "*duas cidades podem ser chamadas de rainhas e senhoras do Oceano [...] uma é Lisboa - que reivindica para si o domínio sobre aquela parte do Oceano...a outra é Sevilha*"[37].

Em *Da Fabrica -1571* a arquitetura *'all italiana'* foi inserida por Holanda no tecido urbano da capital portuguesa, a Lisboa Caput Mundi, como verdadeira utopia, extraídas de um mundo cortesão ao qual ele pôde pertencer e retratar; uma Lisboa com a qual ele sonhava desde a época do retorno de sua viagem . Em *Da Sciencia do desenho*, cap. IV, Francisco de Holanda explica para que servem as construções do Rei, seus edificios e obras (palácios, casas de prazer, jardins, fontes, etc). Ele evoca um imaginário próprio de uma corte humanística, um tanto quanto medieval em certos aspectos, através de um repertorio formal que o artista com seus estudos italianos buscava exaustivamente e a todo momento atualizar.

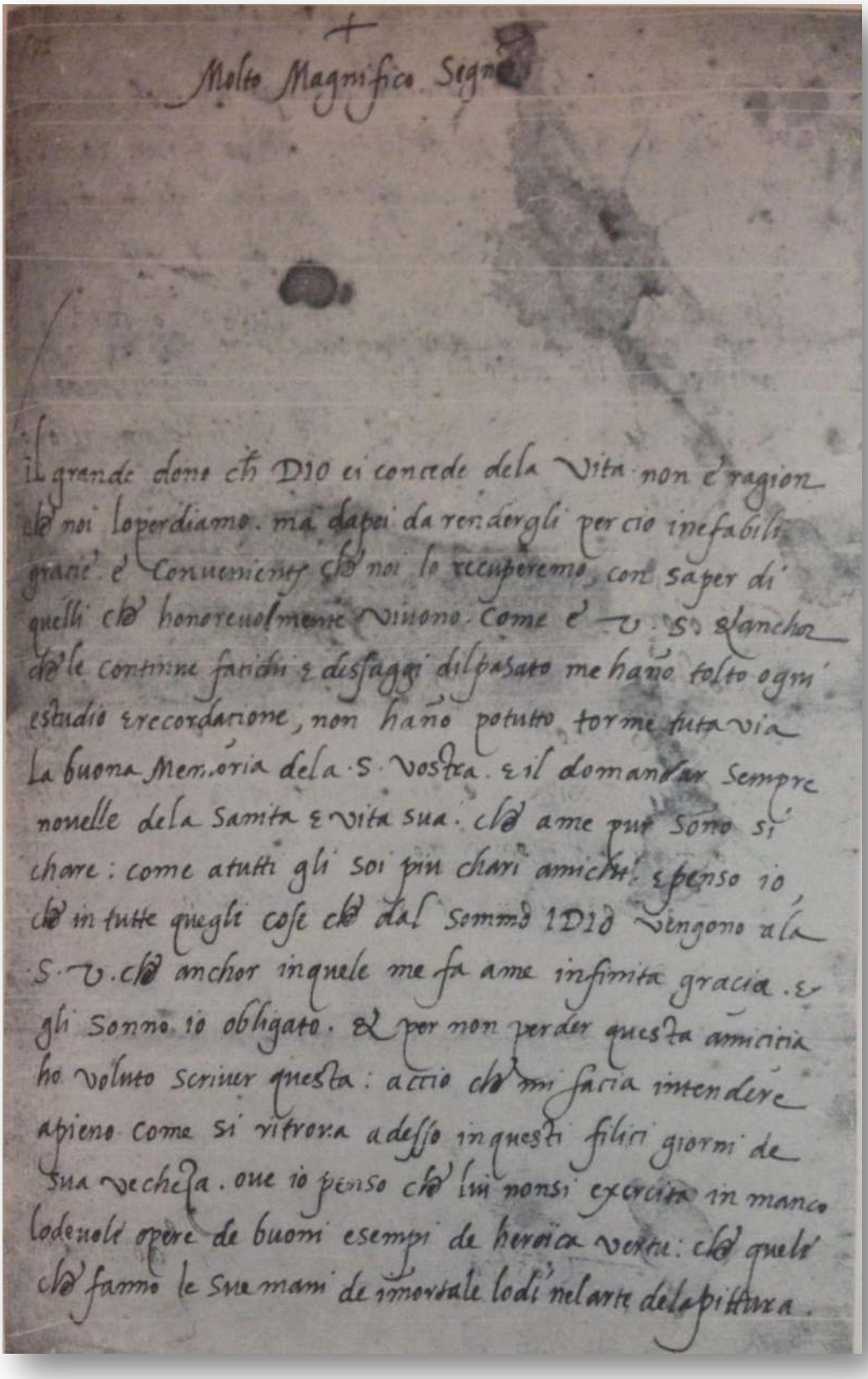
De um modo mais amplo, em seus manuscritos ilustrados verifica-se um artista paciente e criador de imagens para seu rei, mas que em uma outra escala e ao mesmo tempo, se revela empenhado em produzir pequenos retratos de Corte, medalhas, moedas, miniaturas, paramentos litúrgicos e até hóstias para as celebrações eucarísticas. Os tratados de Francisco de Holanda constituem verdadeira ponte entre a Itália e Península Ibérica ainda bastante esquecidos dos estudiosos. Diferentemente dos tratadistas dos quinhentos, como Andrea Palladio (1508-1580) que escreveu para apresentar a um amplo público aquilo que havia realizado, Holanda compõe o *Álbum das Antigualhas* para mostrar ao Rei e à corte aquilo que ele havia visto nesta sua viagem.[38] Por longo período ele foi ignorado pela crítica artística e literária simplesmente pela falta de traduções. No entanto, suas obras se tornaram um testemunho fundamental, na reconstituição do Renascimento e difusão da cultura italiana na Europa.

---

36 Em MOREIRA, Rafael; op. cit; o autor destaca que em 1519, D. Manuel havia encomendado a Nicolau de Chanterene, um dos escultores mais criativos deste período uma série de ornamentações para o Mosteiro de Belém.

37 GÓIS, Damião de ; *Descrição da cidade de Lisboa*, Lisboa: Livros Horizonte, 2001;P.27.

38 TAGLIABUE, Tommaso; 'Francisco de Holanda e la lontanaza dell' antico' in "*Porre um limite all' infinito errore*", Firenze :Campisanto Editore; 2012, pp.79-89.



Molto Magnifico Segno

Il grande dono ch DIO ci concede dela vita non e ragion
che noi loperdiamo. ma dapoi da rendergli per cio inefabili
gracie e conuenients che noi lo recuperemo, con saper di
quelli che honoreuolmente viuono. come e V. S. & anchor
che le continue fatichi e dessaggi dilpasato me hano tolto ogni
estudio e recordacione, non hano potutto torme tuta via
La buona Memoria dela S. vostra. e il domandar sempre
nouelle dela sanita e vita sua. che ame pur sono si
chare: come atutti gli soi piu chari amichi. e penso io,
che in tutte quegli cose che dal sommo IDIO vengono ala
S. V. che anchor inquele me fa ame infinita gracia. e
gli sonno io obligato. & per non perder questa amicicia
ho voluto scriuer questa: accio che mi facia intendere
apieno come si ritroua adesso inquesti filici giorni de
sua vecheza. oue io penso che lui nonsi exercita in manco
lodeuole opere de buoni esempi de heroica vertu: che quele
che fanno le sue mani de imortale lodi nelarte delapittura.

Fig. 01 – Carta de Francisco de Holanda enviada à Michelangelo em 15 de agosto de 1553; conservada no Arquivo da Casa Buonarrotti em Florença; créditos de imagem: "MICHELANGELO - MOSTRA DI DISEGNI, MANOSCRITI E DOCUMENTI. A cura di P. Barocchi e G. Chiarini; Firenze: OLSCHKI Editore, 1964, p. Tav. CXXX, Manusc. 77.

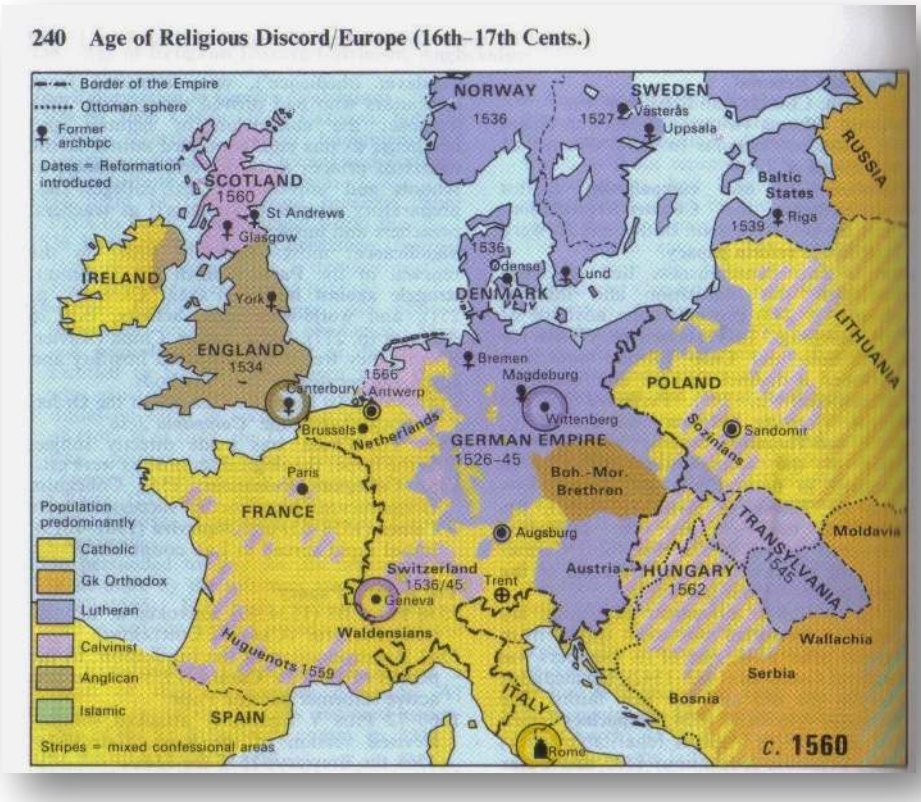


Fig. 02 – Mapa da Expansão religiosa na Europa século XVI. Créditos de imagem : *http://clioemquestao.files.wordpress.com/2009/06/formacoes-religiosas-na-europa-ocidental-seculo-xvi.jpg* acesso 10/08/2018.

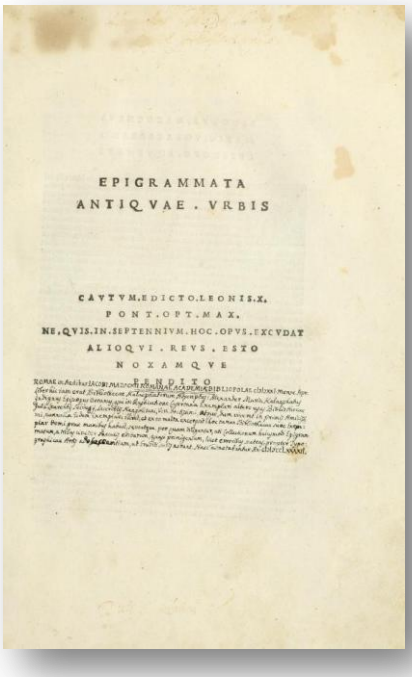


Fig. 03 - O BAVTISTEIRO E DOMO DE PISA - CAMPO-SANTO [O batistério e a Catedral de Pisa]. Fonte: PELLIZZARI, Achille "*Le Opere di Francisco de Hollanda*", Roma: Società Anonima Editrice *Francesco* Perella, 1915; *fl 51r.*



Fig. 04 - ROMAE. SIC. SIMVLACRVM REGINAE CLEOPATRA – IN HORTIS PONTIFICVM[39]. Fonte: PELLIZZARI, Achille "*Le Opere di Francisco de Hollanda*", Roma: Società Anonima Editrice *Francesco* Perella, 1915; *fl 8v.*

[39] Esta estátua de Cleópatra retratada por Holanda na verdade trata-se de uma *Ariadna Abandonada* que ficava nos jardins do Vaticano descoberta em 1510 e adquirida pelo Papa Giulio II em 1512. Na ocasião estava instalada numa fonte, organizada por Bramante. Atualmente se encontra no Museu Chiaramonte. Ela tem 1,95 m de comprimento; feita de mármore grego. Foi identificada como Cleópatra devido aos seus braceletes. Curiosamente Holanda inseriu-se na cena e ajustou a escala gráfica para que pudesse se fazer representar. Ver informações em *Álbum dos Desenhos das Antigualhas* organizado por Jose da Felicidade Alves; Lisboa: Livros Horizonte, 1989; p.25.


EPIGRAMMATA
ANTIQVAE . VRBIS

CAVTVM.EDICTO.LEONIS.X.
PONT.OPT.MAX.
NE.QVIS.IN.SEPTENNIVM.HOC.OPVS.EXCVDAT
ALIOQVI . REVS . ESTO
NOXAMQVE
EDITO

Fig. 05 - "***Epigrammata Antiquae Urbis*" de Jacobus Mazocchius (1521),** exemplar da BN - Lisboa, Res 1000 A1. *Exemplar anotado por Francisco de Holanda.*


L'ANTICHITA'
DI ROMA
DI ANDREA FVLVIO
ANTIQVARIO ROMANO,
Di nuouo con ogni diligenza corretta & ampliata, con gli adornamenti di disegni de gli edificij Antichi & Moderni;
CON LE AGGIVNTIONI
& annotationi di Girolamo Ferrucci Romano, tanto intorno à molte cose antiche, come anche alle cose celebri rinouate & Habilitie dalla Santità di N. S. SISTO V.
Aggiuntoui nel fine vn' Oratione dell'istesso Auttore delle lodi di Roma, & gli nomi antichi & moderni di detta Roma;
Con le Tauole copiosissime di quanto nell'Opera si contiene.
Al molto Illustre Signor Gaspare dell'Armi, Scalco secreto di N. S. SISTO V.
CON PRIVILEGII.
·ALMA· ROMA·
IN VENETIA, Per Girolamo Francini Libraro in Roma all'insegna del Fonte. M D LXXXVIII.

ANTICHITA DI ROMA
Neuia, & l'Anfiteatro mezzo rotto, il quale gli antichi Io chiamorno di Statilio Tauro, la Chiesa di santa Croce in Gierusalem, opera di Helena madre di Costantino Flauio, &c. Et Raffael Volaterrano nel quinto lib. de' Commentarij Vrbani cosi scriue: Due sono gli Anfiteatri, il primo qual'è notissimo di Tito haueua due fonti da ricreare nel tempo del caldo l'affatigata turba; & dell'altro fonte ve ne restano hora i vestigi nel mezzo della via fra l'Anfiteatro & l'Arco di Costantino: & io hebbi già vn antica medaglia, che da vn lato haueua l'Anfiteatro con questi fonti. L'altro è di Statilio Tauro, che si vede ne gli horti del Monasterio di santa Croce: Ma basti fin qui di ciò.
·SEPVLCRVM· BACCHI·
Sepolcro di Baccho.
VNA marauiglia, come fino alla nostra età corra questa opinione tra li scrittori, & nel volgo, che il sepolcro della beata Costanza figlia del Magno Costantino Imperatore, lo chiamino il sepolcro di Baccho (percioche ne Baccho, ne Semele giamai videro Roma) se per sorte non fusse questa la cagione, che hauessero

Fig. 06 - "*L' Antichitá di Roma di Andrea Fulvio Antiquário Romano"* (1588), Biblioteca Cicognara - 3739. FULVII Andreae, *Antiquaria urbis Romae*, per magistrum Jacobum Mazzocchium, a. 1513 triumphante P. Leone X Pontifice maximo, in 4. Questo libro scritto in versi, e dedicato a Leone X è ritenuto fra i più rari, e preziosi delle antichità, e non ne venne fatta altra edizione. Frontispício e página 204. Disponível in https://cicognara.org/catalog.html?f%5Bname_facet%5D%5B%5D=Fulvio%2C+Andrea%2C+active+1510-1543&sort=author_sort+asc%2C+title_sort+asc



(a) (b)

Fig. 07 - Álbum das Antigualhas de Francisco de Holanda (a), desenho original fl. 27v – Encontra- se na Biblioteca de São Lourenço do Mosteiro Escorial em Madrid: "Sepulcro de Baco", em pórfiro com detalhes em relevos **(b)**, na realidade corresponde ao "Sarcófago da beata Costanza" – filha do Imperador Constantino, uma escultura do século IV. Atualmente se encontra no Museu Pio Clementino[40] desde 1788.

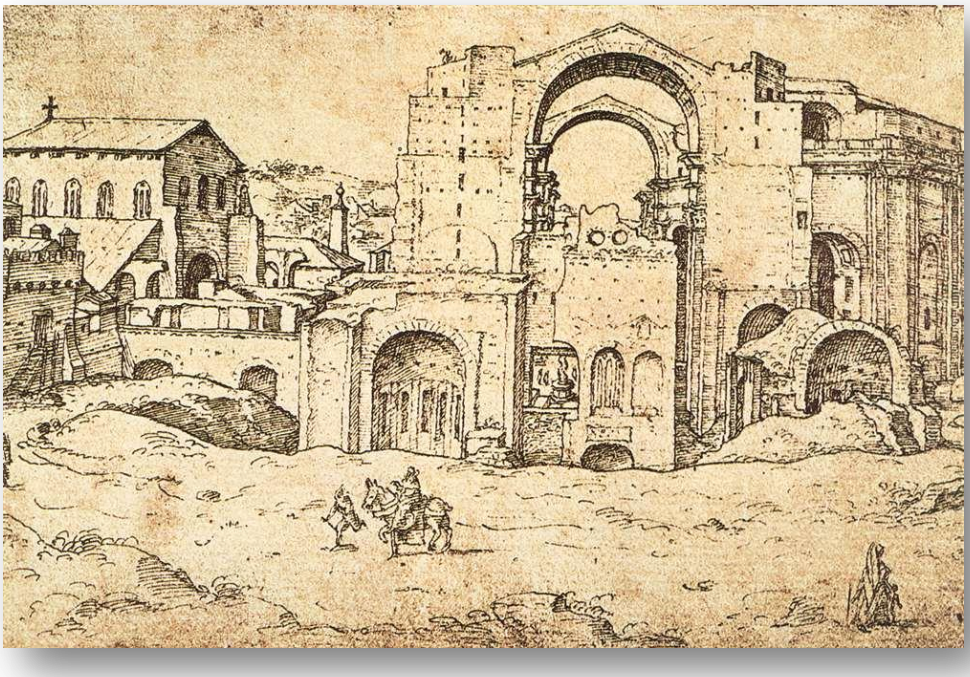


Fig. 08 (a) - Marten van Heemskerck - Costruzione del nuovo San Pietro. Disponível in https://www.settemuse.it/arte_bio_V/van_heemskerck_maerten.htm

40 Este sarcófago monumental em pórfiro vermelho foi feito para guardar os restos mortais de uma das filhas do imperador Constantino, o Grande, provavelmente Constantia, que morreu em 354 d.C. e foi enterrado em um mausoléu na via Nomentana, ao lado da basílica de Santa Inês. Entre 1467 e 1471, o sarcófago foi removido para a Piazza San Marco, em Roma, e mais tarde, em 1790, foi levado para os Museus do Vaticano em uma carroça puxada por 40 bois devido ao peso da rocha. Ver http://www.museivaticani.va/content/museivaticani/en/collezioni/musei/museo-pio-clementino/sala-a-croce-greca/sarcofago-di-costanza.html#&gid=1&pid=1 acesso 10/08/2018.



Fig. 08 (b) - Anonymus Mantovanus A, Heemskerck Album II, fol. 87 v–85 r, 1539–1560: **Septizonium,** Domus Severiana, Arcade, Maxentius thermae

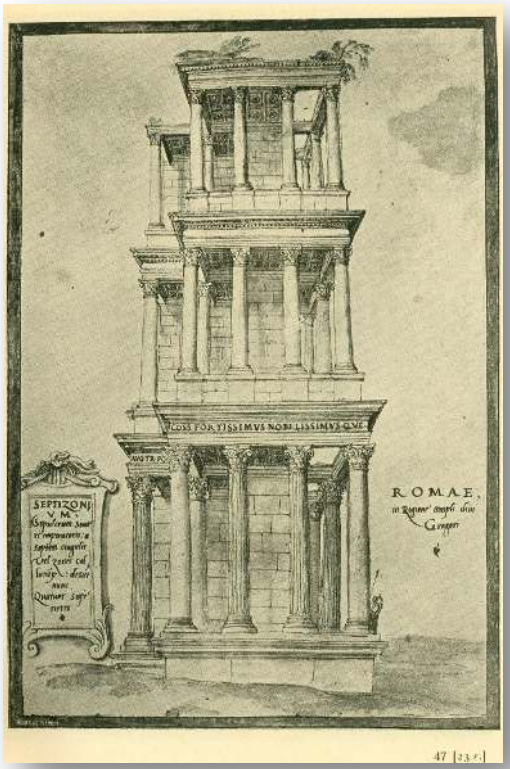


Fig. 09 - Álbum das Antigualhas de Francisco de Holanda , desenho original fl. 23r. Encontra- se atualmente na Biblioteca de São Lourenço do Mosteiro Escorial em Madrid: Sepulcro do Imperador Severo. Este monumento foi demolido por ordem do Papa Sixto V, 1589.

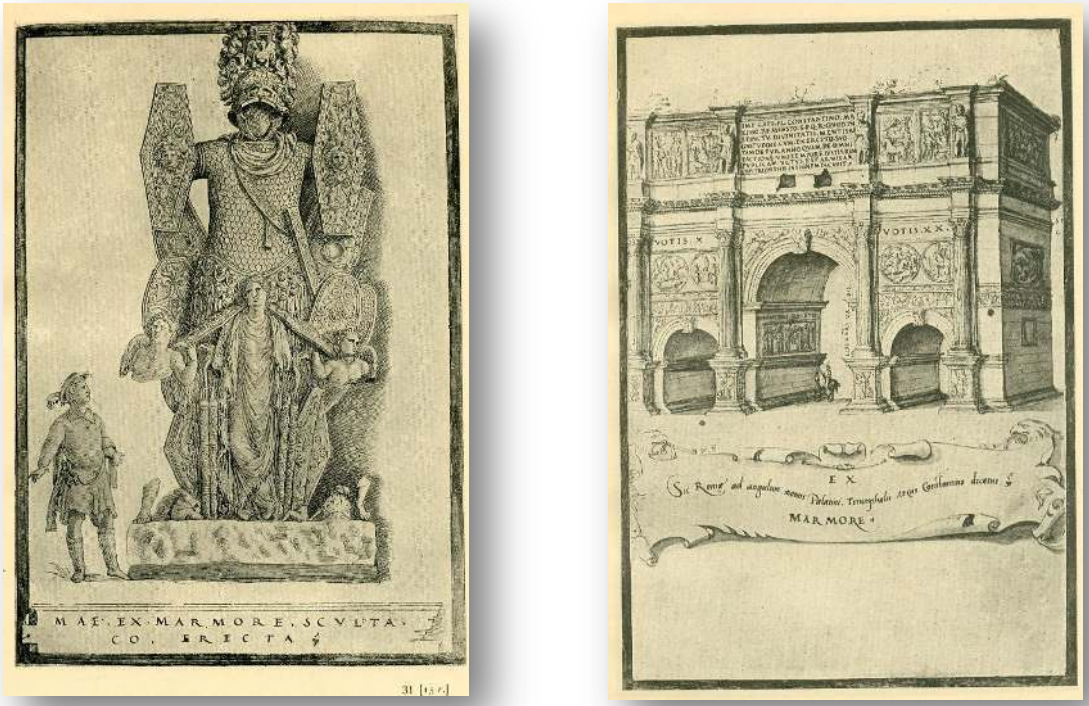


Fig. 10 - Álbum das Antigualhas de Francisco de Holanda, cujos originais atualmente se encontram na Biblioteca de São Lourenço do Mosteiro Escorial em Madrid; desenhos originais fl. 15r - Troféus de Caio Mário e fl. 19r - Arco de Constantino. Em ambos verifica-se uma figura masculina (em escalas diferentes) que admiram as obras. Na figura da esquerda verifica-se o autorretrato do artista durante suas deambulações.

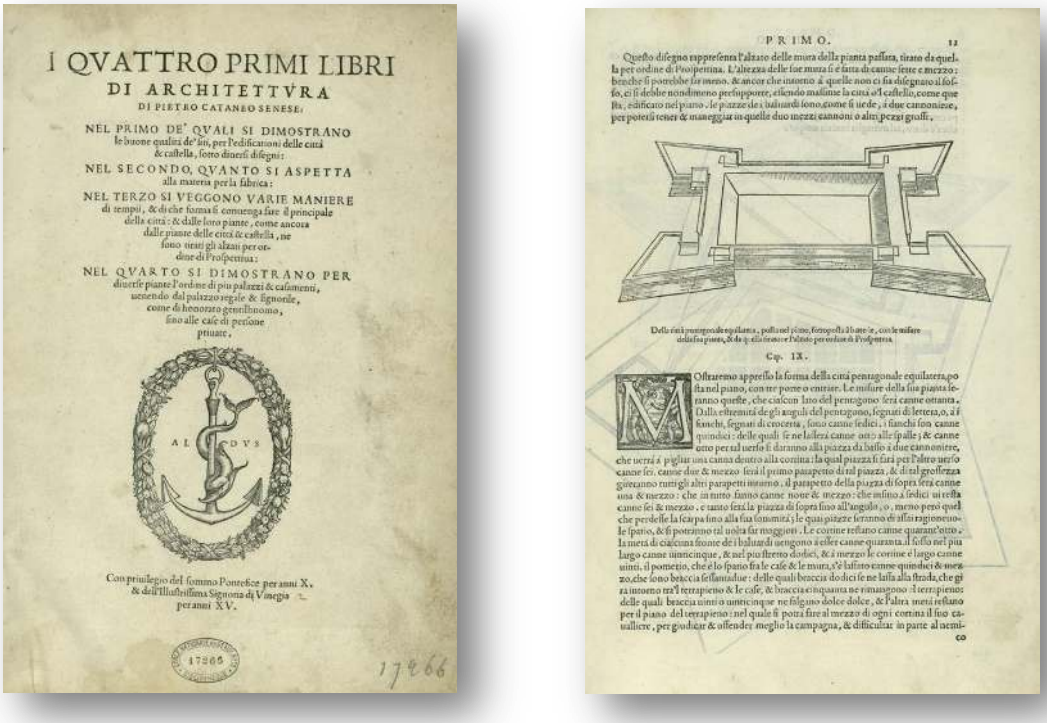


Fig. 11 - "I Quatro Primi Libri di Architettura" , Pietro Cataneo Senese - Frontispicio e fl 12. Fonte http://architectura.cesr.univ-tours.fr/traite/Images/ENSBA00269Z0600Index.asp; acesso 10/08/2018.



**Fig. 12 - *Folio 13 A* de Michelangelo –*" Study for the fortification of Porta al Prato di Ognissanti*";
Florença 1529-30.** Fonte disponível em:
https://science.howstuffworks.com/engineering/architecture/michelangelo-buildings7.htm acesso 10/08/2018.

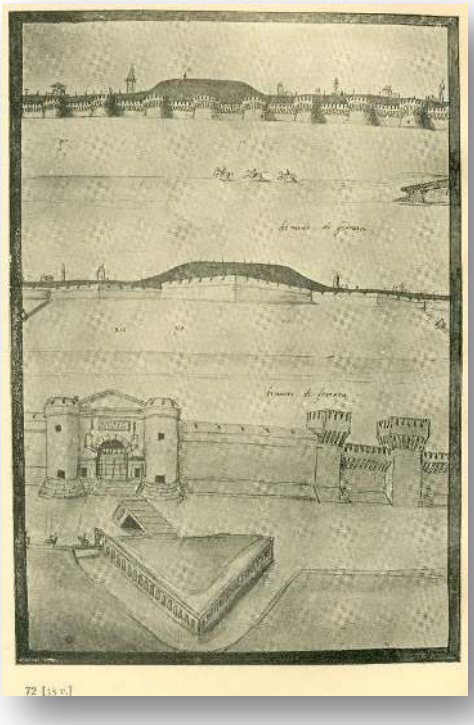
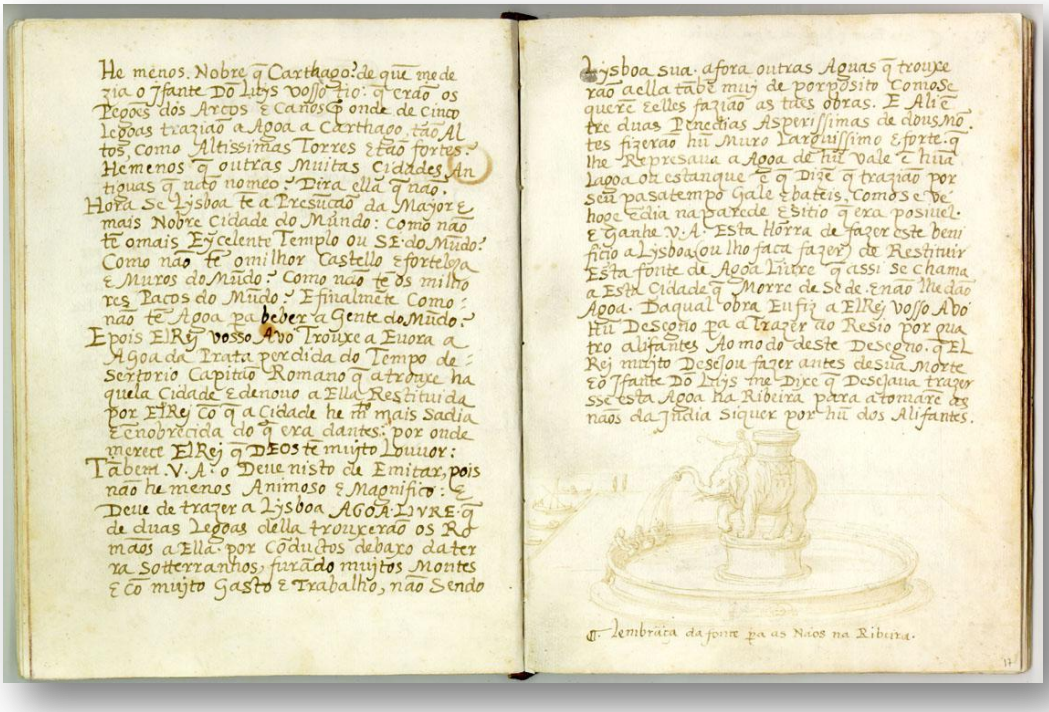


Fig. 13 - Álbum das Antigualhas de Francisco de Holanda, cujos originais atualmente se encontram na Biblioteca de São Lourenço do Mosteiro Escorial em Madrid; desenho original fl. 35v - Muralhas de Ferrara (três desenhos).



[Fig.14] - Álbum das Antigualhas de Francisco de Holanda, cujos originais atualmente se encontram na Biblioteca de São Lourenço do Mosteiro Escorial em Madrid; fl. 31 v – O elefante Annone de Rafael – 23 de março de 1514, imortalizado na gravura e Durer .



[Fig.15] - *Da Fabrica que falece, 1571 (fl. 18r)*.